



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i2>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Dossiê: História e Literatura

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i2.48232>

Marco Cícero Cavallini

Universidade Estadual de Maringá, UEM, Brasil. E-mail: mccavallini@uem.br

=====

O presente dossiê teve como intuito selecionar artigos que propusessem diálogos tanto na metodologia do estudo quanto na análise da literatura considerada em suas dimensões históricas e culturais. Abordagens e perspectivas que desenvolvessem a análise de obras, formas e expressões literárias com atenção aos contextos subjacentes sejam do processo, da produção, da autoria, das práticas, do público e da recepção, da crítica e da teoria.

A seleção e organização foi um trabalho de grande aprendizagem e satisfação, pela diversidade e qualidade dos estudos apresentados. Desafio agradável e envolvente foi o de pensar uma ordem na disposição e sequência dos textos. As temáticas eram resistentes às formas mais convencionais de organização cronológica ou geográfica. A variedade também resistia a uma ordenação por categorias, tais como estudos sobre romances, teatro, relatos de viagens, memórias etc.

A estratégia foi a de considerar proximidades, paralelos, simetrias, contrastes e pontos especulares entre as perspectivas, temas e abordagens. Os artigos selecionados são desenvolvimentos de pesquisas que não se relacionam diretamente umas com as outras, são independentes, ainda que todos explorem relações entre história e literatura.

Não é o caso de se expor todas as ideias suscitadas e animadas com as leituras durante o processo de organização. Apresento apenas o roteiro das aproximações e confrontos que me ocorreram e que definiram uma ordem em meio às possibilidades.

Como abertura, em um primeiro ato, imaginei um possível diálogo entre o ciclope Polifemo e o *Mercador de Veneza*, de Shakespeare. Uma voz *tópica* do mundo primitivo e selvagem, onde reinaria a irracionalidade, as paixões e a música. Outra voz, a de uma cidade-república, em que a jurisprudência tem valor crucial e se discute se os contratos e dívidas devem seguir as letras da lei ao seu extremo. Tópicas e representações da civilização e da barbárie, que não excluem ambiguidades e inversões. Problemas relativos à diacronia e sincronia, interpretações e ressignificações.

Em um segundo ato, entram em cena o epítome Heidelberg e o romance *El general en su laberinto*. Uma fonte histórica, relato síntese do século XV, parte do *Códice Palatino Grego*, composto de quatro excertos sobre a história dos sucessores de Alexandre Magno. E um romance de Gabriel García Márquez, que mostra as contradições nas representações de Simón Bolívar em confronto com a historiografia sobre o general. Questões e polêmicas que envolvem a produção de memórias e expressões histórico-literárias, com implicações políticas, de duas personificações do poder. A fonte histórica como literatura e a imagem literária como mote historiográfico.

O terceiro ato, em verdade, seria propriamente um colóquio: far-se-ia entre as duplas Jorge Amado/Graciliano Ramos e Gilberto Freire/Pedro Nava. Os dois primeiros falam a partir de relatos de viagem, memórias e romances históricos autobiográficos, “gêneros de fronteiras” em que se expõem o engajamento político de intelectuais e suas visões sobre a URSS. A segunda dupla apresenta-se em excertos de *Assombrações do Recife Velho* (1955) e *Bau de ossos* (1972). A articulação entre elementos históricos e ficcionais perpassam as memórias, as obras e também marcam as perspectivas políticas e sociais. Nesse colóquio entra, em seu compasso, Mário de Andrade com seu caderninho de anotações de campo que usava em suas pesquisas sobre as manifestações populares e o folclore brasileiro, realizadas entre as décadas de 1920 e 1940. A observação e os estudos culturais se entrelaçam com a produção ficcional. No autor de *Macunaíma*, temos uma outra perspectiva literária, pode-se dizer antropológica, que dialoga, com certo viés de classe, com as perspectivas política, sociológica e memorialística dos outros literatos e intelectuais.

Concluem o dossiê duas vozes diversas do Brasil do século XIX, opostas segundo os manuais de retórica dos antigos. *Simá*, “romance épico” de 1857, escrito por Lourenço da Silva Araújo Amazonas, que segue os modelos da *Iliada* e da *Eneida*. Voz em que ecoa o trágico e o estilo sublime, grandiloquente, ainda que em prosa do dezenove. Outra voz se ouve na “linguagem clara e compreensível do povo”, o cancionero *Trovador: coleção de modinhas, recitativos, árias, lundus, etc...* (1876). Apropriada ao estilo baixo, didático,

humilis. *Simá* fala da colonização, da derrota e do massacre indígena e os *lundus* falam do progresso e da civilização. Curiosas inversões, ou deslocamentos, que propõem possibilidades e questões para a historiografia e para a literatura.

A sequência, descrita quase em forma de *libretto*, não impede aos leitores de encontrarem outros diálogos no conjunto dos artigos. A ordem aqui não é absoluta, ainda que não seja tampouco arbitrária. Pode e deve ser desconstruída, repensada, revirada.

Por fim, deixo os agradecimentos a todos os que colaboraram na realização desse dossiê: autores, avaliadores, revisores, editores e à artista Júlia Maria Antunes, cuja aquarela, como uma invocação às musas, é um belo convite à imaginação e à reflexão dos leitores.

Marco Cícero Cavallini

Organizador